



PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO XII — N.º 132 — S. PAULO, SETEMBRO DE 1968 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191 — SALA 2 — CAIXA POSTAL 6248

PORTUGAL E O ANTI-PORTUGAL



A VERDADE



A MENTIRA

São duas imagens da terra portuguesa: o anverso e o reverso de Portugal. Dez anos as separam, dez anos durante os quais os grandes tubarões da indústria, os grandes bancos e os grandes latifundiários se tornaram mais fabulosamente ricos e os operários e os camponeses ficaram ainda mais pobres, dez anos que viram milhares de patriotas desfilarem pelas prisões, dez anos em que centenas de milhar de jovens tiveram que emigrar tangidos pela miséria, dez anos em que parte da juventude portuguesa foi mobilizada e atrada para uma guerra monstruosa, dez anos em que centenas de milhar de angolanos, moçambicanos e guineenses foram assassinados ou escoraçados de suas terras para atender aos interesses dos gigantes-monopólios estrangeiros que governam Portugal, dez anos que colocaram a nossa Pátria definitivamente na cauda da Europa, com a menor renda per capita e a maior taxa de analfabetismo.

Em cima, é o povo nas ruas, uma parcela da imensa multidão que aplaudiu o general Humberto Delgado no Porto quando, em 1958, se apresentou como candidato da Oposição à Presidência da República; em baixo são os ministros e os altos funcionários da ditadura a comandar ostensivamente na primeira fila a manifestação de homenagem a Salazar, promovida pelos gremios e sindicatos fascistas, no vão intuito de minorar os efeitos da vitória alcançada pelos trabalhadores da Carris. Em cima, eram 200 000; em baixo uns escassos 2.000, entre os quais poucos, muito poucos dos 7 000 funcionários da Carris. Em cima, vemos a espontaneidade, o entusiasmo da revolta justa, a ansia de liberdade, o calor da fraternidade humana, a autenticidade de um povo que não perdeu a esperança no futuro; em baixo temos a mentira, a farsa montada, as palmas frouxas, os burocratas fascistas, recitando a lição encomendada.

Duas imagens, enfim, que nos mostram o verdadeiro e o falso Portugal: o real, proibido mas disposto à luta, e a caricatura oficial, garantida pelas balonetas e pelas prisões.

O velho ditador esqueceu uma vez mais que é o povo quem faz as manifestações. E o povo de Portugal não sai às ruas para aplaudir Salazar: ocupa-as para o condenar, a ele, à sua camarilha e à sua obra de 42 anos de terror.

NESTA EDIÇÃO:

- A lição de uma greve — pg. 3
- Grave derrota fascista na Guiné — pg. 5
- Sofia Ferreira e Albina Pato em liberdade — pg. 6
- A remodelação do Ministério salazarista — pg. 3
- Protesto de 1 000 estudantes — pg. 8
- A morte de Manuel Rodrigues da Silva — pg. 8
- Conferências sobre Portugal na Universidade Católica de S. Paulo — pg. 5

As Idéias e os Homens

Fernando Piteira Santos

A falta de perspectiva política está na raiz de muitas atitudes que se definem em termos de exacerbado individualismo ou de dilacerado desespero.

Do próprio desespero muitos fazem um argumento. Muitos querem pautar o desenvolvimento histórico pelo ritmo da sua pessoal impaciência. É dos limites da própria ação, ou de uma cómoda inação expectante, que muitos tiraram consequências perigosamente generalizadas. Do insucesso absoluto, ou relativo, de uma determinada atividade há os que concluem que o nosso povo está errado ou que o país está morto.

Nada mais falso — como o demonstrou a greve dos trabalhadores da Carris de Lisboa — que a imagem de um povo adormecido, submetido à opressão fascista, conformado e cansado.

Certas dificuldades políticas e de organização, e também o peso da repressão fascista, e também a perturbação causada pela guerra colonial, que mobiliza e desloca portugueses de vários setores, criaram uma situação complexa que é agravada pela emigração, pelo salto, que leva milhares de trabalhadores e o melhor da nossa juventude para terras estranhas e estrangeiras, preferindo o exílio à guerra.

Mesmo tendo em conta os movimentos reivindicativos e as greves dos pescadores e dos conservadores; não esquecendo necessariamente o apoio entusiástico da população à greve da Carris; em relação a outros períodos, a fase atual da nossa luta não é a mais alta e a mais densa. Mas no esforço de recuperação e de reorganização em que estamos empenhados, a cada passo deparamos com iniciativas, esboços espontâneos, realizações locais, que excedem a nossa expectativa, que vão muito para além do que os descrentes considerariam possível. Há razões para termos confiança no desenvolvimento rápido das formas de organização, na consolidação das estruturas unitárias, no progresso da aglutinação dos grupos e iniciativas da juventude das escolas, das fábricas e dos campos. E devemos também, se tivermos na devida conta os aspectos positivos da manifestação de Lisboa de solidariedade ao Povo do Vietnã, considerar que novas alianças na prática se estabelecem com setores que revelam uma nova consciência das responsabilidades cívicas. Esse é já o caso de alguns setores do clero regular e secular; esse é o espírito que anima a atividade de muitos católicos laicos.

Não esqueçamos também os quartéis e os barcos, não esqueçamos o largo movimento de consciencialização que se está operando nas fileiras militares mesmo entre os oficiais que tiveram a terrível experiência da guerra colonial e com os seus olhos viram o polvo imperialista, tentacular e ávido, na sua função de sugar riquezas.

Da nossa juventude que fez a guerra, nem todos se perderam e perverteram. Muitos jovens aprenderam o manejo das armas e a arte da guerra, e sofrida na própria pele a dramática experiência da guerra vergonhosa, da repressão selvagem, da exploração colonialista, da mentira salazarista, esses jovens estão hoje conscientes dos seus deveres patrióticos e querem combater com o Povo, ao lado do Povo.

A juventude que disse não à guerra une-se e organiza-se em

Portugal e no estrangeiro, como uma força de oposição ao regime.

Bem sabemos que velhos homens políticos, velhos quadros do movimento democrático, não se mostram capazes de compreender, dirigir e organizar as novas correntes, as forças políticas jovens, voluntariosas, rebeldes, dispostas a formas de combate duras e radicais. São reações que devemos explicar animados do desejo de recuperar todos os elementos válidos, todos os democratas sinceros, todos os que sintam a necessidade de pôr fim à guerra colonial e de libertar a nossa Pátria da dominação estrangeira. São reações que devemos explicar, no seu contexto social e político, mas que nos não devem deixar indiferentes. Não podemos cruzar os braços. Temos o dever de preencher os vazios políticos.

O radicalismo da juventude, e dos trabalhadores, a consciência revolucionária de largas camadas do Povo, é um fator de progresso político, é um fator revolucionário. Está em gestação no país um vasto e impetuoso movimento popular. Se esse movimento ultrapassar estruturas que não se souberem adaptar ao tempo e à ação; se ultrapassar estados-malores que descansaram em rotinas e repetindo fórmulas desacreditadas, teremos que nos colocar na perspectiva do movimento, na linha de rompimento e de choque entre o passado e o futuro, entre as falsas teorias de herança e evolução, e a verdadeira posição democrática e revolucionária. O nosso dever é preconizar a organização e a luta, a unidade e a ação. Só o Povo libertará o Povo. Só a organização popular unitária criará condições para transformar a aliança das forças democráticas, populares e patrióticas num grande exército popular.

Esta formulação não comporta a mínima ambiguidade. O regime fascista define-se como uma ditadura violenta, terrorista. A liberdade deverá ser conquistada pelo Povo em armas, deverá ser afirmada e defendida pelo Povo em armas. A destruição do regime fascista é uma tarefa revolucionária. Não se trata de afastar um homem que governa mal, de substituir um mau governo tirânico, trata-se de dar solução democrática e popular aos problemas nacionais, aos problemas do "país real".

Se perdermos a perspectiva política e nos sentirmos desligados do povo que resiste e luta; se ao movimento real, com as suas deficiências e os seus erros, contrapuzermos exercícios de espírito ou audiências verbais, poderemos cair no vício de oferecer uma "revolução inventada" a um "país inventado". Mas dos heróis do verbo não rezará a história.

Tudo indica que estamos no limiar duma nova fase. Depende de nós; depende de vós, Amigos, Companheiros e Camaradas, que ao passarmos das palavras aos atos, da organização à ação unitária, o nosso esforço combativo seja não só heróico mas vitorioso.

A crítica é melhor que o entusiasmo — como ensinou Antero de Quental. Mas a crítica, a teoria, as construções ideológicas, as idéias, só valem e só são força quando há homens que as abraçam, quando há homens dispostos a viver para elas, a morrer por elas.

As revoluções fazem-se com homens e não apenas com idéias

justas; e não apenas com lúcidos esquemas interpretativos. As organizações fazem-se com militantes; e não apenas com estatutos rigorosos, e não apenas com organogramas perfeitos. Dizia Romain Rolland, com diamantina dureza, que o pensamento que não age ou é um aborto ou uma traição. O primeiro dever de coerência é servir agindo as idéias a que intelectualmente aderimos. O primeiro dever de coerência é sacrificarmos a nossa vida no combate que consideramos necessário. Um revolucionário não se reserva para administrar ou iluminar a atividade revolucionária dos outros.

Ao princípio era o verbo... mas nada surgiu do caos sem o ato criador. Hoje o ato criador, o ato capaz de transformar a sociedade velha e de criar uma sociedade nova, chama-se ação revolucionária. E não apenas a revolução de algum dia, de um certo desespero ou de uma incerta esperança; mas, concretamente, dialeticamente, a quotidiana ação revolucionária.

Pequenas Notícias

■ A FIDE apreendeu 2^{as} livrarias a obra «Vietnã», da Editorial Estampa, que reúne depoimentos sobre o problema vietnamita de destacados intelectuais portugueses. A apresentação é de Urbano Tavares Rodrigues.

■ Já montada com grande êxito em Estocolmo, Paris e Nova York, a peça «Canção do Espantalho Lusitano», de Peter Weiss foi agora encenada em Caracas, na Venezuela, onde a crítica lhe fez rasgados elogios, chamando a atenção para o seu significado de libelo anti-colonialista.

■ A Companhia dos Diamantes de Angola obteve em 1967 lucros líquidos no montante de 235 milhões de escudos. Comendando o facto, a Rádio Voz da Liberdade, perguntava num dos seus programas: «Quantos soldados portugueses terão ainda de morrer para que as várias Diamang que fizeram de Angola a sua quinta continuem a realizar lucros que são um escândalo e uma ofensa à miséria em que vivem milhares de portugueses?»

■ Um avião DC-7 que transportava armas para os separatistas de Biafra foi interceptado pela Força Aérea Nigeriana e obrigado a aterrar em Lagos no dia 7 de Junho. O avião levantara vôo de São Tomé e seguiu para Lisboa. Isto dias depois de o governo de Salazar haver desmentido oficialmente a existência de quaisquer contactos com os revoltosos de Biafra.

■ Outro membro da hierarquia católica que está causando preocupações ao governo fascista é o bispo de Namputa, D. Manuel Vieira Pinto. Num conferência preferida recentemente no Porto, o referido prelado defendeu os princípios da «Populorum Progressio» considerados subversivos pelo governo e pela FIDE.

■ A Conferência sobre os Direitos Humanos promovida em Teerão, pela ONU aprovou uma moção condenando a discriminação racial na África do Sul, em Angola e Moçambique.

■ Entre cada 1000 crianças nascidas em Portugal 69 morrem antes de completar um ano. Na Holanda a percentagem é apenas 14 e na própria Espanha não excede 29. A informação é da Organização Mundial de Saúde.

■ O prof. Vernon McKay, da John Hopkins University, nos Estados Unidos publicou um livro relativo a aspectos da política africana do seu país, no qual condena com veemência o colonialismo português.

■ Portugal apresenta a mais alta percentagem de acidentes no trabalho de toda a Europa. O número total de acidentes em 67 foi de 700.000. Cerca de 700 trabalhadores perderam a vida nesses acidentes.

■ A dança dos governadores e dos comandantes militares continua em África. Depois do epaficador Schultz chegou a vez do governador de Moçambique que foi substituído pelo antigo comissário da MP, o fascista Baltasar Rebelo de Sousa. Em Angola o novo comandante militar é o general Luiz Cunha.

■ Os franceses também entraram no assalto ao petróleo angolano. A última a participar do bolo é a Companhia Française des Pétroles que assinou contrato para prospeção e exploração do petróleo existente numa vasta área do Ambriz e da bacia do Quanza.

■ Várias empresas japonesas — a Fuji Iron Steel, a Kawasaki Steel Corporation, a Yawata Iron & Steel e a Sumitomo Metal Industrial Ltd., entraram também nas negociações do ferro angolano.

ANGOLA FRENTE LESTE - III

O Trabalho dos Serviços de Saúde do M. P. L. A.

Américo Boavida

Toda esta vasta Região que se estende da bacia do Zambeze à bacia do Cuando, está semeada de endemias responsáveis pela mortalidade de centenas e centenas de angolanos, por ano.

A população em toda a terceira Região, reduz-se hoje a menos de meio milhão de habitantes, — 0,8 habitantes/km² — expressão final das razias, das guerras, da caça aos escravos, do trabalho forçado, e do abandono a que estão votados esses Povos pelos Serviços de Saúde do Governo Colonial.

O panorama médico-sanitário dos Povos da Frente Leste, é aterrador. O Paludismo é a doença mais mortífera. Vem a seguir a Lepra e a Tuberculose, uniformemente distribuídas. A Doença do Sono, cujos focos mais importantes, se encontram nos arredores da cidade do Moxico (Luso) e de Mavinga (Quando-Cubango). Estes flagelos constituem o grande grupo da taxa da mortalidade geral.

O grande cortejo das parasitoses intestinais, das doenças sazonais (a Varicela, a Gripe, as Conjuntivites epidémicas, etc.) são sobretudo responsáveis pela mortalidade infantil, que é elevadíssima.

E enfim, as práticas tradicionais duma medicina primária, baseada na evocação das forças sobrenaturais, — elevam a mortalidade geral e a mortalidade materno-infantil.

Como fatores adicionais, a GUERRA. As queimaduras pelo napalm e o fósforo, as incursões "punitivas" contra populações indefesas, a concentração em massa, em condições desumanas, nos campos de concentração, junto dos quartéis da soldadesca colonialista, no Dilolo (Teixeira de Sousa), no Moxico (Luso), Cazombo, etc., agravam um quadro já de si sombrio.

O primeiro objetivo dos nossos Serviços de Assistência Médica (SAM), consistiu no estudo pormenorizado na incidência e distribuição das doenças de mais alta mortalidade;

na formação acelerada de auxiliares de enfermagem, orientada no sentido da despistagem e prevenção das doenças nos setores de acção das diferentes Brigadas de Saúde;

em campanhas de profilaxia e de higiene, na luta contra as doenças, provocadas pela ignorância e pela miséria;

na vacinação em massa; na correção dos hábitos alimentares, pela introdução de elementos nutritivos, energéticos e vitamínicos novos, a partir dos recursos naturais da Região.

Para a efectivação deste programa de acção, uma vasta rede de centros hospitalares vai tomando forma através de toda a Frente Leste. E o número sempre crescente de Povo que ocorre aos nossos Dispensários e reclama as nossas Brigadas de Saúde, aumenta sem cessar.

A enorme carência de equipamento hospitalar, de medicamentos, de vacinas, de soros, de anti-sépticos, etc. — diminui, porém, a extensão do nosso trabalho.

O desenvolvimento progressivo da nossa luta, com o aumento contínuo de novas populações e das regiões controladas pelo nossos destacamentos político-militares, aumentam as dificuldades da cobertura médico-sanitária da III Região.

Nesta conjuntura, o estudo da delimitação rigorosa entre o que se insere no domínio da medicina popular e tradicional, e o que deriva da magia e da superstição, pode constituir um novo campo de investigação médica e do conhecimento do Património Cultural do Povo Angolano.

Resoluções da Conferência de A. Abeba

Publicamos abaixo o texto do Comunicado final aprovado pela Conferência que se realizou em Junho em Addis Abeba para tentar a reconciliação entre o MAPLA e o GRAE.

"O Comité dos Cinco sobre Angola, reunido em Addis Abeba, de 24 a 27 de Junho de 1968;

Tendo revisto a situação em Angola, de acordo com os termos da resolução CM/Res 137 (X);

Considerando os relatórios do Secretariado Geral da OUA, do Secretário Executivo do Comité de Libertação, assim como dos representantes da República Democrática do Congo, da República Congo-Brazzaville e da Zâmbia;

Tendo escutado com satisfação a declaração do representante do MPLA relativa à luta desenvolvida por este Movimento em Angola, assim como a ação por ele desempenhada nas regiões libertadas; tendo ouvido também a declaração do "grae";

Tendo ouvido ainda as declarações dos representantes da República Democrática do Congo e da República do Congo (Brazzaville) relativas aos esforços desenvolvidos pelos respectivos governos para obter a libertação das pessoas detidas pelos dois movimentos sobre os territórios respectivos destes dois países;

1. a) RECOMENDA à Conferência dos Chefes de Estado e de Governo, que retire o reconhecimento do GRAE na qualidade de governo de Angola no exílio, como medida tendente a facilitar a reconciliação;

b) RECOMENDA por outro lado à Conferência dos Chefes de Estado e de Governo que lance um apelo a todos os Estados membros e Estados amigos, a todas as pessoas e instituições desejosas de ajudar os Movimentos de Libertação em África, que encaminhem a sua assistência através do Comité de Libertação da África.

2. RECOMENDA o estabelecimento dum sub-comité composto de membros do Comité dos Cinco, a fim de investigar a existência ou não nos dois movimentos, de presos nos países onde eles têm bases.

3. CONVIDA a República Democrática do Congo, a República do Congo (Brazzaville), a prosseguirem os seus esforços a fim de obter a libertação dos prisioneiros antes da quinta sessão ordinária da Conferência dos Chefes de Estado e de Governo.

4. APELA aos Governos dos países vizinhos de Angola para que eles dêem facilidades de trânsito aos quadros autênticos dos dois movimentos de libertação que desejarem ir para Angola.

5. PEDE à Comissão Militar (Continua na pág. 6)

Nolas e comentários

Lição de uma greve

A greve da Carris de Lisboa foi sem dúvida o acontecimento mais importante dos últimos tempos no plano sindical. A tática empregada pelo comando da greve, na verdade a mais indicada para as circunstâncias, permitiu obter a adesão total da população, transformando as reivindicações de um setor trabalhista específico num movimento geral, de caráter político, à escala de toda a cidade. Este fato permite várias ordens de reflexões. Em primeiro lugar, devemos ressaltar aquilo que já várias vezes temos acentuado, e que a presente greve veio confirmar: o povo português, que sofre na própria carne os efeitos da desastrosa política de guerra do salazarismo, apoiará sempre todo e qualquer movimento reivindicativo. Por definição, toda a greve, em Portugal, é um ato popular que ultrapassa a categoria profissional nela diretamente envolvida, para se alçar ao nível do interesse de toda a população.

É fácil de ver que, nestas circunstâncias, recebendo todas as greves o apoio do povo, elas inquietam e atemorizam necessariamente um governo que, consciente do seu caráter totalmente impopular, receia que elas sejam o estopim do movimento insurrecional que o derrubará. A greve da Carris, por se ter verificado na maior cidade portuguesa, mobilizando um setor que interessa diretamente a um milhão de pessoas, veio permitir que todos se dessem conta, de forma mais imediata e direta, do medo que assaltou o governo de Salazar. Até agora, dado que os movimentos grevistas se verificaram no setor camponês ou industrial, não atingindo tão de perto como a greve da Carris uma grande massa de povo, o governo conseguiu esconder o seu pavor perante os movimentos reivindicativos. A ação dos seus órgãos repressivos, violenta e brutal, era o único sintoma desse desespero perante o povo reivindicando os seus direitos.

Desta vez, o medo de Salazar ficou mais patente. Depois de ameaçar com a repressão, vendo que não podia exercê-la sobre um milhão de pessoas, tentou torcer a dificuldade encaixando uma manifestação em que os grevistas surgiriam "agradecendo ao governo a sua intervenção"! Pensou Salazar que, desta forma, os efeitos da greve seriam conjurados. A encenação (pois se tratava de uma verdadeira representação teatral) foi cuidadosamente preparada. Os costumesiros participantes das "manifestações espontâneas de apoio ao governo" foram mobilizados; conseguiu-se a adesão de alguns medrosos e traidores da própria Carris. E assim Salazar arrebanhou, segundo os seus próprios serviços, cerca de 2.000 cabeças que lhe agradeceram o seu patrocínio para a solução do problema.

O fato de Salazar se sujeitar a receber o apoio de um número de manifestantes tão ridiculamente baixo, em relação à massa dos grevistas e ainda mais à totalidade da população que apoiara a greve, prova que, desta vez, o seu medo perante o movimento foi maior que anteriormente.

Justifica-se assim que consideremos a greve da Carris como o acontecimento mais importante dos últimos tempos no plano sindical. Esta greve, totalmente vitoriosa, em que os valentes trabalhadores conseguiram ver atendidas na íntegra as suas reivindicações, veio mostrar a todo o povo a verdadeira face do salazarismo amedrontado, receando que cada movimento reivindicativo seja para ele o princípio do fim.

A "Reforma" do Ministério

No momento em que fechamos esta edição não recebemos ainda informações dos nossos correspondentes sobre a "reforma" do Ministério salazarista. Obviamente, a importância da dança das marionetes salazaristas é, contudo, muito limitada, independentemente dos comentários que suscite. Nada de fundamental será modificação na política do Estado fascista pelo fato de um dócil militar ceder o lugar a outro à frente do Exército ou de um oportunista como Galvão Telles ser substituído na Educação por um monárquico-fascista como José Hermano Saraiva. A maioria dos homens a quem Salazar recorreu destaca-se apenas pela sua total inexpressividade. A uma fornada de velhas raposas do fascismo sucede outra de elementos quase desconhecidos que vinham vegetando há anos nos escalões inferiores da Administração. É essa talvez uma das lições a tirar da "reforma". O desgaste do regime e as suas contradições internas atingiram tais proporções que Salazar não encontra mais à mão entre os elementos dispostos a servi-lo homens dotados de um mínimo

de qualidades intelectuais e técnicas. Os velhos fascistas, que se não eram realmente homens públicos capazes, supriam a falta de inteligência e de idoneidade moral e profissional com grande dose de habilidade, têm como herdeiros uma geração de burocratas do fascismo de comprovada mediocridade. As "glórias" do regime estão demasiado divididas e preferem abandonar o barco, na esperança de que o povo as tenha esquecido quando se verificar o naufrágio. Nesse sentido, a "reforma" do Ministério apresenta um paralelismo evidente com a mudança dos governadores coloniais e dos altos comandos. Também aí Salazar enfrentou um problema insolúvel: escolher substitutos com um mínimo de qualificação nos quadros da engrenagem fascista. A carência de homens é tamanha que teve agora de recorrer novamente ao general Venâncio Deslandes, que anos atrás caíra em desgraça por estar, ao que se diz, envolvido em conspiração com esse intriguista nato que é Adriano Moreira.

O surto de combatividade de que vêm dando mostras determinadas forças democráticas tradicionalmente tímidas constitui aliás um dos indícios mais significativos das dificuldades que o fascismo está atravessan-

do acochado pelo ascenso das lutas populares e alarmado com as sucessivas derrotas sofridas em África, onde a situação, no próprio plano militar, se torna cada vez mais insustentável.

A Ação Democrato-Social, cujas posições moderadas nunca foram disfarçadas pelos seus dirigentes, divulgou recentemente um extenso documento em que as críticas ao regime atingem uma violência inusitada. Esse texto, intitulado "A Ação Democrato-Social e o 42.º aniversário do 28 de Maio" tem como primeiro signatário o eng. Cunha Leal e começa por se insurgir contra "o direito divino de governar mal". A aliança com os nazis durante a guerra, a política externa em geral, a repressão cultural e o terror policial são denunciados em termos de uma crítica veemente, bem como a guerra colonial, tema que a ADS, em anteriores pronunciamentos, abordava sempre com as maiores cautelas. "O sangue dos adversários do Estado Novo — afirmam os signatários — tem corrido generosamente para que dure uma estéril experiência que deixa um travo de desilusão e amargura, nas prisões, nos campos de internamento, na supressão sumária de alguns deles". É esta uma linguagem — e com o fato só nos regozijamos — a que a ADS não habituara o povo português.

A desagregação do fascismo é um fato. Mas — nunca é demais repeti-lo — o regime não caíra de podre, com um empurrão. Há muito que as condições objetivas não eram tão favoráveis para as forças que combatem a engrenagem montada pela ditadura salazarista. Urge portanto elevar as condições subjetivas ao nível mínimo indispensável para que no inimigo sejam desfechados os golpes que o hão-de abater. Mais do que nunca são hoje válidos os apelos à unidade e à organização e também à imaginação das forças revolucionárias.

Solidariedade Política e Humana

De há 10 anos para cá muito se tem feito, no interior e exterior, no campo da solidariedade às vítimas mais diretas do fascismo português — os presos políticos.

Após a memorável campanha eleitoral de 1958, em que o povo, nas ruas, contestou o regime, uma nova e importante frente de luta se abriu: a denúncia sistemática do regime perante a opinião pública mundial. "Trabalhada" durante dezenas de anos pelo SNI (antigamente chamava-se SNP, nome igualzinho ao do Departamento do dr. Goebbels, de triste memória), uma grande parcela da opinião mundial vivia mistificada com o "milagre" financeiro, do homenzinho de Santa Comba, as "obras" do regime, entre as quais as decantadas "estradas", a "ordem" e "paz" reinantes em Portugal. Mesmo uma parte ponderável da opinião internacional esclarecida, sabia, admitia apenas a existência em Portugal de uma ditadura, sim, mas de caráter paternalista, muito mais branda do que a ditadura de Franco. Esta imagem da ditadura salazarista ainda hoje prevalece nalguns setores alienados da opinião mundial (é o máximo que os patrões de Salazar, os monopólios, conseguem fazer por ele), na medida em que o fascismo português, apoiado por governos títeres como ele, gasta rios de dinheiro, roubado ao bem-estar e progresso do

povo trabalhador, com reportagens, filmes, exposições itinerantes, etc. etc.

Porém, com o crescimento das lutas em Portugal, com o levantamento popular armado dos povos das colônias e com a organização dos democratas portugueses no exterior, o "muro de silêncio" que Salazar tinha conseguido erguer e manter durante décadas, ilhando a luta do povo português pela liberdade, começou a desmoronar-se. Aquilo que Salazar mais temia, a destruição da sua figura de "homem austero", de "mago das finanças", de "gênio político", de "patriota", de "grande estadista", aconteceu. O velho e decrépito ditador, apesar dos milhões gastos para o endeusar, e do apoio diplomático que lhe é concedido, já não consegue enganar a maioria da opinião pública internacional.

Para este desmascaramento muito contribuiu, e continua a contribuir, a emigração democrática portuguesa que, através dos seus órgãos de imprensa e rádio, e das campanhas pela anistia e contra a repressão, tem revelado ao mundo a verdadeira face do ditador e o caráter fascista do seu regime.

Foi através das grandiosas Conferências pela Anistia realizadas em S. Paulo (1960), em Montevideo (1961), em Paris (1962), no Canadá (1966) e na Suíça (1968) que a opinião pública da América Latina, da Europa Ocidental e do norte da América, tomou conhecimento do aspecto mais odioso do regime salazarista: o terror policial e a desumanidade com que trata os adversários.

Paralelamente a este trabalho de esclarecimento, criou-se e desenvolveu-se um forte movimento de solidariedade mundial, que apoia a luta dos democratas portugueses e muito especialmente os presos políticos. Este apoio e solidariedade, que se tem revelado de grande valor e eficiência na defesa da vida e libertação dos presos políticos, apresenta, contudo, uma grave falha que urge corrigir: a ajuda material aos presos, perseguidos e suas famílias.

A lacuna que acima apontamos é tanto mais grave, se se tiver em conta que a grande maioria dos democratas portugueses presos é de origem trabalhadora. Presos há, nas cadeias fascistas, com a saúde debilitada (alguns até irremediavelmente perdidos) pela falta de medicamentos e alimentação adequada. Famílias existem em que, pela falta do chefe — preso ou perseguido — os filhos e mães carecem de pão, de vestuário, de instrução. Há esposas e filhos de presos que vêem os maridos e pais uma ou duas vezes por ano, por falta de recursos para as viagens a Peniche, a Caxias e outras prisões, onde os melhores filhos de Portugal pagam com a privação da liberdade e as torturas o seu amor ao povo, ao progresso e à democracia. Democratas há, desterrados em regiões inóspitas e sem condições de poderem angariar meios de subsistência para si e para os seus.

É para esta situação desumana e brutal que chamamos a atenção, em primeiro lugar, dos democratas portugueses do exterior. Vivendo a recato da repressão, a maioria dispendo de possibilidades econômicas superiores às que tinham em Portugal, os democratas emigrados, os portugueses patriotas, residentes no estrangeiro, com ou sem opções políticas, têm uma grande dívida para com os presos e perseguidos políticos e suas famílias.

Os democratas portugueses de

S. Paulo analisaram esta situação e já tomaram medidas para contribuir e participar da campanha de ajuda permanente aos presos, aos deportados e suas famílias. O Centro Republicano Português, entidade que congrega os republicanos democratas de S. Paulo, chamou a si esta nobre e humanitária tarefa, formando uma Comissão de Solidariedade, presidida pelo Comandante João Sarmento Pimentel. Cabe agora aos portugueses patriotas do Brasil, aos brasileiros amigos de Portugal, prestarem a sua solidariedade às vítimas da ditadura fascista, enviando os seus donativos para o presidente daquela Comissão — Rua Conselheiro Furtado, 191 — Sala 1 — e participando das iniciativas que a mesma se propõe realizar.

Resta-nos esperar que outros núcleos da emigração sigam e exemplo do Centro Republicano Português, formem as suas comissões de solidariedade e façam chegar, regularmente, aos presos e suas famílias, a ajuda material de que carecem e lhes é devida.

Que nenhum patriota preze de deixar de se alimentar convenientemente, que nenhuma esposa deixe de visitar o marido encarcerado ou deportado com a assiduidade que a sua situação exige, que nenhum filho de lutador anti-fascista, preso ou perseguido se veja privado de comida, de vestuário ou de frequentar a escola, por falta de recursos financeiros. Este é o compromisso mínimo que os democratas portugueses do exterior podem e devem assumir, sem o que trairão as suas convicções democráticas e patrióticas.

A Conferência da Reconciliação em Adis Abeba

Os antifascistas portugueses que se batem no Interior e no Exterior vêm respeitando escrupulosamente a orientação de rigorosa não ingerência nos assuntos internos do Movimento Nacional Libertador dos povos das colônias portuguesas. "Portugal Democrático", coerente com a linha definida na III Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, tem-se absterido sempre de dar publicidade a todas as informações ligadas a problemas que vêm impedindo a unidade dos movimentos, partidos ou grupos africanos que em Angola, Moçambique e na Guiné combatem o colonialismo salazarista. Em relação à Guiné e a Moçambique não se pode aliás falar com exatidão de fracionamento de esforços do movimento nacionalista, pois o papel hegemônico que em ambos casos o PAIGC e a FRELIMO desempenham na condução da luta armada e da luta política minimiza, na prática, o significado da ação de elementos que, embora não pertencendo às suas fileiras se opõem ao colonialismo salazarista. Mas já em relação a Angola o problema da unidade assume outra importância, não só pela existência de vários movimentos política e militarmente representativos, como pela circunstância de o antagonismo entre eles existente ser tão profundo que não raro se traduziu pelo derramamento de sangue. Ninguém desconhece que malograram até hoje todas as tentativas feitas no sentido do estabelecimento de uma unidade de esforços entre o chamado Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE)

(Continua na pág. 7)

Estudantes de Coimbra pedem Eleições Livres

Bastante mais de 2.000 estudantes de Coimbra subscreveram um documento, a enviar ao Reitor, reclamando eleições livres para a Associação Académica. Este movimento tem recebido a adesão de organismos autónomos tradicionais da Academia, nomeadamente do conhecido e internacionalmente famoso Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, do Coral, do Coro Mixto e da Tuna, que distribuíram em conjunto um documento no qual afirmam: "Os organismos autónomos subscretores deste comunicado trazem à Academia o testemunho do apoio à iniciativa do Abaixo-Assinado que reivindica eleições para os Corpos Gerentes da Associação Académica de Coimbra e depositam inteira confiança na Comissão Pro-Eleições para entabular negociações com as Autoridades Académicas quanto à realização do ato eleitoral. Desde já convidam todos aqueles que desejem eleições na Associação Académica, a assiná-lo".

A LUTA DOS ESTUDANTES DO INSTITUTO INDUSTRIAL DO PORTO

Os estudantes do Instituto Industrial do Porto continuam travando grandes lutas em defesa dos seus direitos, nas quais estão demonstrando a maior firmeza. O elemento que veio ultimamente dinamizar a ação foi a recusa, por parte do Diretor de consentir na realização de uma Reunião Geral dos estudantes para apreciação do Relatório das Contas e do balancete da Comissão de Setentas. Perante esta recusa, os estudantes protestaram em vários documentos (nomeadamente no "Fomos Enganados") e resolvem levar a luta mais longe.

OS ESTUDANTES OCUPAM SALAS E CORREDORES DO INSTITUTO

Assim, apesar da proibição, decidiram realizar de qualquer forma a Reunião Geral e para isso, no dia 24 de abril, mais de 200 estudantes ocuparam salas e corredores do velho edifício do Instituto, na rua Breiner, realizaram várias reuniões, aprovaram várias moções em defesa da Comissão e contra a Mocidade Portuguesa e elegeram uma Comissão Delegada composta de 20 jovens, para prosseguir a luta. O Diretor, que apareceu para dizer que a reunião estava proibida, foi vaiado e teve que bater em retirada. Uma vez no seu gabinete, mandou chamar dois dirigentes da Comissão (Horácio

Magalhães e Afonso Martins) e comunicou-lhes que estavam impedidos de ir às aulas e de entrar no Instituto e que lhes ia ser aberto um processo disciplinar.

Perante tudo isto, nova reação se impunha por parte dos estudantes. Assim, logo no dia 25, ao apelo dos "organismos associativos dos estudantes do Porto", mais de 100 universitários se concentraram em frente do Instituto, juntando-se aos 200 estudantes desta escola. A Polícia cercou o edifício, tomou posição nas ruas próximas, mas os estudantes forçaram a entrada e invadiram o Instituto, enviando uma delegação para discutir com o Diretor. Este refugiou-se na Secretaria e só depois de ter sido repetidas vezes vaiado pelos estudantes (que gritavam "Diretor covarde") aceitou em tratar com a delegação, tendo então prometido tudo o que recusara: autorização para a reunião geral, reabertura das instalações da Comissão, eliminação das sanções aos dois alunos, e promessa de entregar em Lisboa, ao Ministro, uma representação contendo as reivindicações dos estudantes.

Entretanto, o Diretor voltou atrás com a palavra dada, anunciando mais tarde que já não iria a Lisboa e, portanto, que não apresentaria as reivindicações dos estudantes e, o que

é mais grave, abriu um inquérito contra os dois alunos do qual resultou a suspensão das aulas por uma semana (o que para já levará um deles à perda do ano por faltas). Os estudantes sancionados recorreram da decisão e têm como advogados os drs. Arnaldo Mesquita e Orlando Juncal.

Por seu lado, os estudantes realizaram no dia 4 de maio nova concentração de protesto no edifício da rua Breiner, à qual compareceram 250 jovens, um terço dos quais universitários. A luta dos valentes estudantes do I.I.P. continua, tendo como meta mais próxima a defesa dos alunos sancionados, sendo de esperar novos movimentos no início do ano escolar.

GREVE DE VÁRIOS DIAS NO INSTITUTO INDUSTRIAL DE LISBOA

Também no I.I.L. duas turmas do 2.º ano, uma do Curso de Máquinas, outra de Química, se mantiveram vários dias em greve, como protesto contra a situação da Cadeira de Desenho de Máquinas, dirigida por um Professor totalmente incompetente. Por agora, os estudantes já conseguiram uma importante vitória: a única matéria que entrará para exame será dada a partir de maio, portanto já atendendo a uma reorganização da Cadeira.

GREVE DA CLASSE CONSERVEIRA DO ALGARVE

Em maio de 1968 houve greve em todas as fábricas de conserva de peixe do Algarve: Olhão, Portimão e Vila Real de Santo António. As greves tiveram início no centro conserveiro de Olhão. A partir do primeiro dia de greve a GNR e PSP montaram guarda às fábricas, armadas de metralhadoras. A vila chegou a estar isolada do resto do país pelas forças repressivas.

A tentativa da GNR de obrigar as operárias a retomar o trabalho, pela força, deu origem a violentos recontros dos quais resultaram vários feridos de parte a parte. Foram presas várias operárias nesta vila.

Começando em 16 Maio, a greve durou cerca de 2 semanas. Algumas conserveiras durante este período furaram a greve; no entanto, por imposição das companhias que as iam buscar às fábricas, tiveram que largar o trabalho. Foram também despedidas algumas operárias, sendo contratadas outras no Alentejo para as substituir. Esta medida do patronato tinha por objectivo evitar a readmissão das operárias despedidas, mostrando ao mesmo tempo de que nada valia fazer a greve.

Os pescadores participaram nas manifestações de rua em apoio e defesa das suas mulheres.

As operárias conserveiras dos outros centros: Portimão e Vila Real de St.º António, recusaram-se a trabalhar em sinal de solidariedade com as suas companheiras em luta, quando souberam que o peixe que recebiam era proveniente das fábricas de Olhão paralizadas pela greve.

Também em Portimão e Vila Real de St.º António, a GNR esteve de prevenção e montou guarda às fábricas. Igualmente, registraram-se aqui alguns despedimentos de operárias conserveiras.

Quanto ao resultado destas importantes lutas, ainda não possuímos informações precisas.

LUTA DOS DELEGADOS DA PROPAGANDA MÉDICA

A classe dos delegados de propaganda médica foi vítima recentemente de uma espoliação, contra a qual se acha agora lutando. A partir de 18 de março, o desconto obrigatório para o Sindicato passou a ser de 2% por mês, sobre os vencimentos. Esta medida foi tomada à revelia dos associados, que não foram para isso consultados.

A classe reagiu, em todo o país, contra o aumento desta cota: 170 delegados de propaganda de Lisboa enviaram ao Ministro das Corporações uma exposição em que afirmam designadamente que "o Sindicato não tem no momento qualquer direção sancionada pela classe, visto a que existia ter sido dissolvida por razões que nunca foram esclarecidas pelos indivíduos que atualmente formam a Comissão Administrativa e à frente da qual se encontra o ex-presidente da Direção", e fez notar que para a elaboração de novos estatutos não foi a classe devidamente consultada.

Cerca de 700 Delegados de propaganda médica de todo o país (500 do Sul e 200 do Norte) enviaram logo depois ao Ministro das Corporações um telegrama em que solicitaram a suspensão da entrada em vigor do aumento da cotização e a organização da vida sindical.

No dia 26 de Março mais de 100 Delegados de Propaganda concentraram-se em frente da delegação do Porto para exigir uma explicação à classe e a suspensão

da cota dos 2%. Dirigiram-se igualmente ao Jornal de Notícias e ao Comércio do Porto, que dias depois dão publicidade às suas reivindicações.

Nessa concentração a classe designa uma Comissão de 5 elementos que se avista com o delegado da C.A. no Norte, o pde Corrêge, forçado a recebê-la sob pressão da classe. As reivindicações aprovadas são nesse mesmo dia transmitidas, por carta, à Comissão Administrativa. Esta carta circula grandemente pela classe sob a forma de fotocópia, apesar de oposição e ameaças do Corrêge.

A Comissão levanta o problema do Contrato Coletivo de Trabalho anulado para breve, exige a discussão prévia pela classe da parte assistencial prevista no "inquérito" distribuído à classe e "solicita que tão depressa quanto possível, o Sindicato volte à normalidade estatutária no que se refere à eleição de uma Direção em Assembleia Geral. Presentemente está sendo conduzida uma campanha, à escala nacional, de recolha de assinaturas para uma nova exposição ao Ministro das Corporações em que se explicam as razões dos Delegados de Propaganda, se desmascara a atuação ignóbil da Comissão Executiva, se reclama a diminuição da cota para o Sindicato e além disso a suspensão das alterações introduzidas nos estatutos deste órgão e a regularização da vida sindical pela eleição de seus dirigentes.

A luta dos Delegados de Propaganda não terminou, portanto. É de esperar que, se as suas reivindicações não forem atingidas, a classe tome medidas mais violentas.

Salazar Proibe Homenagem a Luther King

No dia 4 de maio, um grupo de católicos progressistas, projectou realizar, no salão paroquial da Igreja Santa Isabel, em Lisboa, uma mesa redonda, subordinada ao tema "porque foi assassinado Luther King?"

O ato havia sido amplamente anunciado, através de tarjetas impressas, redigidas em linguagem hípica. Num dos cantos das tarjetas-convidites pedia-se para "levar uma flor". A hora marcada centenas de pessoas compareceram ao local da reunião. Esperava-se uma força da PIDE, que carregou brutalmente contra os participantes e prendeu os conferencistas: Profs. Lindley Cintra, Maria de Fátima Pereira Bastos, José Carlos Mégre e Frank Pereira.

No dia seguinte, domingo, à porta das igrejas de Lisboa, foi distribuído abertamente um documento em que se lia: "A 4 de Abril, assassinaram na América Luther King; em 4 de Maio espancam abertamente, brutalmente, em Lisboa, pessoas que se interrogam sobre o assassinato de Luther King — porquê?"



Homenagem ao crime!

O pasquim fascista «Notícias de Portugal» estampou na primeira página de um dos seus últimos números (gravura acima) a imagem da cerimónia inaugural do Monumento erguido para perpetuar os serviços prestados à Pátria pelos paraquedistas que têm participado das guerras travadas em Angola, Moçambique e Guiné. A solenidade foi semelhante a tantas outras promovidas pelo regime. Os mesmos fraseologia antipopular e antiportuguesa, colonialista e medieval. De particular apenas, o fato de todos os discursos proferidos serem elogios ao crime, ao corpo de pretorianos da ditadura que em África tem praticado uma sucessão infindável de monstruosidades contra os direitos do homem. Perante o paraquedista de pedra desfilaram os paraquedistas em carne e osso. O símbolo do crime e aqueles que em terras africanas se vão converter em criminosos, ao serviço de uma engrenagem criminosa.

OUÇA A RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Diariamente das 8 às 8.30 em 50 metros; das 20 às 20.30 e das 22.13 às 22.43 em 32 metros; e das 0.30 às 0.50 em 36,40 e 43 metros. Aos domingos das 13 às 13.30 em 19,20 25 e 26 metros.

UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

RÁDIO VOZ DA LIBERDADE

Ouçã a emissora da Frente Patriótica de Libertação Nacional às quartas e sábados, a partir das 01.15 (hora de Portugal) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e médias de 230 e 320 metros

UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

Agrava-se a Situação Económica em Portugal

Ao contrário do que nos querem fazer crer as afirmações oficiais da ditadura a economia portuguesa parece não mostrar realmente sinais de recuperação nestes últimos anos; por outras palavras, ao invés de nos situarmos mais perto do nível das outras nações europeias estamos cada vez nos afastando mais delas.

Como prova do que dizemos citamos folheto "Informação Económica", editado pelo Banco Português do Atlântico e referente ao passado mês de Fevereiro (n.º 17). Esta informação diz-nos que, em meados do ano passado, parecia haver alguns sinais de recuperação; lamentavelmente esse sinais não se confirmaram. E continua: "A economia portuguesa permanecia assim, em fins do ano traseiro, numa situação caracterizada pela existência de elevados stocks involuntários nas indústrias de bens de equipamento e de bens intermediários, por uma prática estagnação do investimento produtivo e o marasmo da produção da maior parte dos setores industriais, pela persistência de uma

situação financeira assás precária em grande número de empresas e pela depressão das cotações dos títulos de rendimento variável no mercado bolsista. Na agricultura, no feijão, arroz e vinho as produções são (segundo as estimativas do Instituto Nacional de Estatística) 83,91% e 69% da produção média de 1957-1966; e a do azeite é de 82%. A produção pecuária nacional atravessou uma fase recessiva durante o ano passado, apesar de bom ano, agrícola ter permitido pastos abundantes. De Janeiro a Novembro de 1967 importaram-se 22 964 toneladas de carne (igual período de 1965, 9 731 toneladas; igual período de 1966, 9 229 toneladas), isto é, mais do dobro de 1965 e 1966. Também na silvicultura observa-se igualmente uma contração no crescimento do produto originado neste setor".

Os índices da produção industrial (base 1958-100 — de Janeiro a Outubro, segundo dados provisórios fornecidos pela Associação Industrial Portuguesa são os seguintes:

	1965	1966	1967	% 65/66	% 66/67
Toda a indústria (excluída a de construção)	145	154	150	6,2%	2,6%
Indústrias Transformadoras	144	152	146	5,6	3,9
Extrativas	75	72	77	4,0	6,8
Alimentação e bebidas	113	118	121	4,4	2,5
Texteis, vestuário e calçado	134	133	134	0,7	0,8
Madeira, cortiça e mobiliário	169	160	167	5,3	4,4
Químicas e dos Petróleos	149	142	142	4,7	0,0
Produtos minerais não metálicos	181	196	195	8,3	0,5
Metalúrgicas, metalomecânicas e material eléctrico	132	161	128	22,0	20,5
Transformadoras diversas	180	193	197	7,2	2,1
Electricidade	164	206	226	25,6	9,7

Turismo e Comércio em crise

A construção registrou certa melhoria durante o primeiro trimestre, pois o número de edifícios construídos elevou-se de 18,7% em relação ao mesmo período de 1966. Mas, segundo o mesmo relatório do Banco Português do Atlântico, verificou-se entretanto uma diminuição da taxa de crescimento do custo da mão de obra empregada na construção, acompanhada por um certo desemprego deste tipo de pessoal, principalmente nas regiões do Alentejo e Algarve, o que parece indicar uma quebra de atividade neste setor, principalmente nos últimos meses do ano".

No que se refere ao protesto de letras também a situação não parece muito animadora, pois tanto o número delas como o seu valor cresce assustadoramente. Os

números são os seguintes, dizendo respeito ao período de Janeiro a Setembro de 1967: 1965 — 42.453 letras; 1966 — 48.390 letras; 1967 — 58.462 letras. Valor das letras, com referência ao mesmo período de 1967: 1965 — 233.021 contos; 1966 — 332.127 contos; 1967 — 591.808 contos.

Abordando o turismo verifica-se igualmente que este decresceu enormemente, como provam os seguintes números, que dizem respeito às taxas de dormidas de hóspedes com residência no exterior: 1964/65 — 23,6%; 1965/66 — 9,9%; 1966/67 — 8,7%!

De acordo com o Boletim Mensal do Instituto Nacional de Estatística o panorama do comércio externo, englobando importações e exportações é o seguinte:

	VARIAÇÃO EM %						
	1964	1965	1966	1967	64/65	65/66	66/67
Importações	18.945	22.432	24.620	25.319	18,4	9,8	2,8
Exportações	12.642	13.997	15.150	17.131	10,7	8,2	13,1
SALDO	-6.303	-8.435	-9.470	-8.188	33,8	12,3	-13,5

O relatório, referindo-se à moeda e ao crédito, salienta, entre outros aspectos, que "a relação entre o volume dos depósitos totais da banca e o crédito conce-

Presos elementos da "LUAR"

LISBOA, 24 de Agosto (AP) — A polícia política informou que foram presos seis elementos da oposição, por ela qualificados de "terroristas", que haviam entrado clandestinamente em Portugal. Ainda segundo a polícia esses elementos resistiram à prisão trocando tiros com a PIDE. Trata-se de membros da Liga de União e Acção Revolucionária (LUAR), cuja sede seria em Paris e que teria ramificações na Bélgica.

Um dos presos, Hermínio da Palma Inácio, é acusado pelas autoridades portuguesas de ser o responsável pelo assalto ao Banco da Figueira da Foz, no dia 17 de Maio de 1967. Outro dos detidos, Filipe Viegas Aleixo, foi condenado à revelia em 1961 a 18 anos de prisão por ter participado na tomada do paquete português Santa Maria. Os outros são: Joaquim da Silva Ramos, Carlos Pereira, Fernando Marques e José Guerreiro.

Outubro de 1966, 80,20 em Dezembro de 1966 e 80,40 em Outubro de 1967.

O quadro respeitante aos índices de preços ao consumidor, e referente ao período de Janeiro a Novembro de 1967, é o seguinte:

	Lisboa (base 1-7-48 a 30-6-49 — 100)		
	1965	1966	1967
Geral	127,1	133,6	138,1
Alimentação	130,1	140,0	141,7

Faro (base 1-7-61 a 30-6-62 — 100)

	1965	1966	1967
Geral	116,0	128,5	134,5
Alimentação	115,2	125,1	126,7

Porto (base 1-7-50 a 30-6-51 — 100)

	1965	1966	1967
Alimentação	128,0	140,5	141,3
Geral	124,7	134,0	135,8

O relatório trata ainda da questão dos preços dizendo que "contudo as condições climáticas parecem mostrar-se este ano menos favoráveis para a agricultura, sendo de recear o aumento de preços de alguns produtos", continuando: "entretanto o índice de preços por grosso na cidade de Lisboa continuou a aumentar em 1967, embora a taxa ligeiramente inferior (3,9%) é de 1966 (4%) podendo vir a repercutir-se nos índices de preços ao consumidor durante a primeira metade do ano em curso".

Falando por último dos salários observa: "verifica-se portanto um crescimento mais moderado tanto no índice dos preços como nos índices dos salários. Esse abrandamento aparece, porém, em certa medida como resultado da menor intensidade de procura e da alteração das condições do mercado de emprego, as quais, por seu turno, refletem a situação deprimida da economia".

Nem vale a pena fazer comentários, tão patente está o que se passa, no domínio da economia, no paraiso salazarista!...

Ciclo de palestras sobre Portugal

Promovido pela cadeira de Ciências Políticas da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, realizar-se-á na sede daquele instituto um ciclo de palestras sobre a conjuntura portuguesa. Foram convidados a participar dessa oportuna iniciativa, para definirem os pontos de vista da oposição democrática portuguesa, alguns membros do Conselho de Redação de "Portugal Democrático".

As palestras dos nossos companheiros versarão sobre os seguintes temas escolhidos pelos promotores:

Dia 23, "O problema das "províncias ultramarinas"; Dia 24, "A situação da classe operária em Portugal"; Dia 25, "Problemas culturais: universidade, intelectuais e estudantes"; Dia 26, "A Igreja em Portugal".

Paralelamente, por iniciativa do Centro Académico da Faculdade de Filosofia da PUC, realizar-se-á uma exposição documental intitulada "42 anos de fascismo em Portugal".

As palestras, serão realizadas às 20.30 horas, na rua Monte Alegre, 984 (Perdizes).

COLONIALISMO E ANTICOLONIALISMO

GUINE

A 19 de Junho o Exército Português foi obrigado a retirar-se do campo de Béli, capital da região de Boé, depois de ter sofrido rudes perdas, representando este fato uma das mais importantes vitórias da luta armada do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde na frente Este.

Com efeito a extensão da luta em Boé obrigou as forças portuguesas, no referido mês, a concentrarem-se na região dos campos de Béli e Madina, perdendo desta forma o controle daquela vasta região, que representa 1/10.º do território da Guiné, dita portuguesa.

Cercada nos seus quartéis a tropa colonial era abastecida principalmente por via aérea, pois a aproximação por terra tinha-se revelado muito perigosa e por demais cara, dadas as perdas em homens e material.

Esta difícil situação piorou bastante depois que as forças do PAIGC se instalaram na região de Gabu, o que lhes permitiu o controle completo da única estrada que dá acesso a Boé. O PAIGC, só nesta estrada, destruiu durante o ano corrente 17 viaturas, no decurso de 5 ações contra os comboios de abastecimento, apesar da cobertura aérea de que os mesmos se beneficiavam.

Durante o mês de Junho, em virtude da grande pressão exercida pelo PAIGC sobre o campo de Béli, o qual era diariamente atacado, as forças portuguesas procuraram reforçar a guarnição do mesmo campo, tendo no entanto todas as tentativas sido inúteis, com a destruição de 7 caminhões, em duas emboscadas, as quais custaram a vida a 16 soldados lusitanos. Um avião da força colonial, um caça-bombardeio americano T6G, fazendo parte de uma esquadrilha enviada em socorro de um comboio, foi destruído.

Face a esta situação, e com vistas a evitarem o aniquilamento de toda a guarnição, as forças portuguesas resolveram abandonar o campo, no dia 19 de Junho, depois de 12 dias de ataques consecutivos. Na retirada, sob a cobertura de uma forte proteção aérea, essas forças obrigaram uma grande parte da população a segui-las. Depois da partida esquadrilhas de aviação portuguesa arrazaram as instalações do campo e da aldeia de Béli, traduzindo esta ação o ódio do Estado Maior Colonial pela derrota sofrida, cujas consequências militares e políticas são por demais importantes para que acerca delas se façam comentários.

A tomada de Béli pelas forças do PAIGC, fato que as autoridades salazaristas não conseguiram esconder, foi acompanhada por outras importantes ações no setor de Boé, no decurso do mesmo mês de Junho, como a destruição da central elétrica e de outras importantes instalações, no campo de Madina, que é atualmente o único lugar onde se verifica a

presença portuguesa em toda a região de Boé.

Note-se, ainda, que no dia 17 de Junho um bombardeamento de morteiros, por parte do PAIGC, surpreendeu a guarnição no momento em que a mesma estava formada, tendo então morrido muitos soldados e sido feridos muitos outros.

ANGOLA

Prosseguindo sua ação destinada a neutralizar as forças do Exército Colonial Português o M.P.L.A. — Movimento Popular de Libertação de Angola — levou a cabo ultimamente os seguintes atos de guerra:

Em Cabinda, na região de Bukuzau, foi atacada uma coluna portuguesa, tendo sido mortos seis soldados das forças de ocupação.

Nas regiões de Dembos, Nambuangongo e Luanda inúmeras ações foram levadas a efeito, aniquilando importantes parcelas do Exército Colonial e levando à crescente desmoralização das tropas. Entre elas:

A 30 de Abril uma força portuguesa dirigiu-se para a margem do rio Tsantse, onde se tinham refugiado as populações, tendo sido atacada pelo MPLA, que a obrigou a recuar, com a perda de 2 soldados; mais tarde a mesma força voltou ao local, para cercar os angolanos, já então tendo o apoio do seu Exército, que reagiu ao cerco, causando a perda de 4 soldados. Esta força, que no dia seguinte voltava ao quartel, foi então atacada, numa emboscada, perdendo 35 soldados.

Ainda no mesmo dia, de grande azar para a tropa de Salazar, as forças do MPLA desencadearam um ataque contra o quartel de Lukusse, utilizando intenso fogo de morteiros e armas automáticas, tendo destruído muitas casernas, a cantina, a estação de rádio e vários automóveis, e pondo fora de combate mais de uma centena de soldados e, ainda, o próprio administrador da circunscrição;

No dia 1 de Maio mais 12 soldados mortos; a 7 do mesmo mês, perto de Kamgamba, num contra ataque, foram mortos 48 soldados lusitanos;

A 3 de Maio foram levadas a efeito diversas ações, uma delas, levada a cabo por uma patrulha do MPLA, destruiu um caminhão Unimog, pondo fora de combate 20 soldados; em represália as tropas coloniais metralharam a área, matando muito gado;

A 6 do mesmo mês, a dois quilômetros de Gago Coutinho, foi atacada uma patrulha portuguesa, resultando a ação em 17 baixas;

A 11 de Maio 7 bombardeiros portugueses apoiaram uma companhia de infantaria, que procurava capturar a população angolana de algumas aldeias situadas em locais estratégicos. Esta companhia foi atacada durante a noite, tendo as perdas sido muito severas pois foram necessários 3 helicópteros, apoiados por cinco aviões, para retirar os corpos dos mortos e feridos da área em questão;

A 12 de Maio foram danificados um caminhão Unimog e

(Continua na pág. 6)

Pela amnistia e contra a repressão

SOFIA FERREIRA E ALBINA F. PATO EM LIBERDADE!

Novas e importantes vitórias acabam de ser alcançadas pelo movimento nacional anti-fascista e pela solidariedade mundial na luta pela libertação dos presos políticos portugueses. SOFIA FERREIRA, a heroica operária que o fascismo mantinha encarcerada desde 1959, saiu em liberdade em 8 de Agosto p.p. Cerca de um mês antes, ALBINA FERNANDES PATO, valerosa combatente da democracia, que estava presa desde 1961, conquistou também a liberdade.

Estes êxitos são particularmente significativos. Resultam, inegavelmente, do fortalecimento do movimento operário e anti-fascista registrado nestes

últimos meses e do peso, cada vez maior, da solidariedade internacional.

O fascismo, que odeia Sofia Ferreira pelo seu exemplo de operária fiel à sua classe e ao seu povo, que a erigiu em símbolo da resistência popular; a ditadura que não perdoa a Albina Pato, a coragem e dignidade com que suportou os insultos e torturas da PIDE e o desafio ao "tribunal" que a julgou, viu-se obrigada a restituir à liberdade estas duas valentes combatentes pela democracia.

O caminho para libertar os patriotas presos e deportados, é o mesmo que fará morder o pó da derrota à ditadura fascista.

A ação unida e firme, a organização dos democratas portugueses e a intensificação da solidariedade mundial, são as armas necessárias para arrancar das prisões fascistas outros valerosos patriotas encarcerados, como Joaquim Pires Jorge, Dias Lourenço, Afonso Gregório, Carlos Costa, Américo de Souza, Ligia Calapez, Guilherme Carvalho, Rogério de Carvalho, Manuel Serra, e outros que se encontram, gravemente doentes, nas prisões salazaristas. Usar aquelas armas, na libertação dos presos, como na ação quotidiana contra o fascismo, é um dever, o primeiro dever, de todos os democratas.

NOVO CRIME DA PIDE

Olhão (Do correspondente) — A 7 de Junho, um empregado de vendas da SAPP, durante o seu giro habitual, aproximou-se dum das fábricas de conservas, existentes nesta cidade. Sabendo que muitas das outras se encontravam em greve indagou o que se passava naquela, por mera curiosidade. Alguém lhe respondeu que ali nunca se deixara de trabalhar; ao que ele retorquiu que, se assim era, faziam mal, pois, enquanto outros com a sua luta acabariam por obter melhores salários, os operários daquela fábrica permaneceriam na mesma; além disso não era justo que os trabalhadores daquela empresa se dessolidarizassem da luta dos seus companheiros da mesma categoria.

No dia seguinte, foi preso pela Pide e levado para os calabouços da PSP. Visitado pela mulher o detido recomendou-lhe que fosse levantar todos os fundos economizados à Caixa Geral dos Depósitos, pois, "se o voltassem a meter na máquina o coração dele não resistiria".

No dia seguinte, um agente da PIDE, fingendo-se muito conternado, apareceu à mulher a anunciar-lhe que o marido se tinha suicidado. O corpo da vítima foi visto pelos familiares. Apresentava uma estranha fava arrocheada em volta da região média do tronco (junto à barriga) apresentando picadas e sinais de estrangulamento. Os Pides afirmavam que ele se tinha enforcado. No entanto, os sinais do corpo mostravam claramente que ele não morrera de estrangulamento; este fora simulado depois. A morte deve-se sem dúvida às torturas da Pide.

A mulher do trabalhador assassinado requereu a autópsia. Convocado o delegado do Ministério Público, este, após ter observado o cadáver, ordenou-a imediatamente. O comandante da PSP apressou-se no entanto a informar o delegado de que, embora o homem estivesse detido na PSP, tinha sido preso e guardado à ordem da PIDE; acrescentando "que a PSP não tinha qualquer responsabilidade no assunto". Ouvindo isto, o delegado voltou com a palavra atrás dizendo que se aquele assunto corresse pela PIDE, era a Pide e não ele quem tinha competência para o resolver. Quer dizer: deixou o assunto nas mãos da PIDE; que, como é óbvio não permitiu a autópsia.

O funeral reuniu muitas centenas de pessoas que gritavam dramaticamente, "ASSASSINOS", "ASSASSINOS".

Receosos das consequências que pudesse vir a ter esta dolorosa manifestação de pesar da população de Olhão, os Pides infiltraram-se em grande número, no cortejo fúnebre, intimidando os acompanhantes. Nos muros de Olhão começou a aparecer a inscrição que melhor traduz o sentimento popular: "Morte aos assassinos da Pide!"

AFONSO GREGÓRIO EM PERIGO DE VIDA

A epopeia de Afonso Gregório, bem conhecida de nossos leitores, aproxima-se do fim. O estado de saúde deste heróico operário vi-dreiro da Marinha Grande, é de tal modo grave que já não consegue ir para a visita pelo seu pé, tendo que ser amparado por dois guardas.

Um médico que se encontra preso com ele no Forte de Caxias, o Dr. Armando Ferreira, indignado com o estado físico a que a PIDE reduziu Afonso Gregório, foi protestar junto do diretor daquela prisão, o conhecido assassino Gomes da Silva. Valeu-lhe este ato de ética e solidariedade humana, o castigo, por 3 meses, de corte de visita dos seus familiares.

Alguns dirão, honestamente, que não é possível acontecerem tais fatos. A esses, como aos amigos dos trabalhadores portugueses, dos quais Afonso Gregório é um dirigente destacado, sugerimos que apelem para a Cruz Vermelha Internacional, para a Comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas, para o próprio governo de Salazar, no sentido de apurarem as denúncias que formulamos e exijam, das autoridades fascistas, a libertação de Afonso Gregório.

Salvar a vida deste modesto operário, é a tarefa urgente, inadiável, dos democratas portugueses.

PRISÃO DE ESTUDANTES

O presidente da UNICEP, Francisco Melo, foi preso pela PIDE no dia 20 de Julho passado. A noiva, militante católica, tinha sido presa 3 semanas antes e enfrenta corajosamente os esbirros da PIDE.

LIBERDADE PARA "GRAVINA"

Entre os milhares de pescadores de Matosinhos que, em Abril, Maio e Julho recorreram à greve para defender os seus direitos e, heróicamente, enfrentaram as forças repressivas, um se destacou pela sua coragem e audácia: o pescador conhecido por "Gravina".

Este valente pescador, que já havia sido preso anteriormente por defender os interesses de sua classe, caiu, de novo, nas garras da PIDE. Mais dois pescadores se encontram sofrendo as maiores torturas, vexames e privações.

Compete aos pescadores de Matosinhos, em primeiro lugar, exigir a imediata libertação dos seus companheiros, mas cabe também a todos os democratas protestar contra a prisão dos pescadores detidos pela PIDE, e ajudar materialmente as suas famílias.

"Portugal Democrático", solidário desde a primeira hora com os valentes pescadores de Matosinhos, abre, neste numero, uma coleta de fundos para ajuda às famílias dos abnegados pescadores presos.

ALDA NOGUEIRA: A PRÊSA MAIS ANTIGA

Com a libertação de Sofia Ferreira, o tempo recorde de prisão, de uma só vez, sofrida por anti-fascistas portugueses, passa para Maria Alda Nogueira.

Natural de Lisboa, licenciada em química, Maria Alda Nogueira já detinha outro recorde da luta que o povo português sustenta contra a tirania fascista: a maior pena a que foi condenada uma democrata portuguesa — 9 anos! Presa em 15 de Outubro de 1959, deveria ter sido posta em liberdade em 1967. Todavia, ao abrigo das monstruosas "medidas de segurança", a PIDE mantém-na encarcerada na Fortaleza de Caxias.

No próximo mês vence-se mais um período de "medidas de segurança". Urge intensificar a ação pela liberdade desta patriota, que tudo sacrificou à causa da libertação do nosso povo.

SOLIDARIEDADE AOS PESCADORES DE MATOSINHOS PRESOS

	NCr\$
"Portugal Democrático"	50,00
Centro Republicano Português	50,00
Joaquim Barradas	20,00
Victor Ramos	20,00
Miguel Urbano Rodrigues	20,00
A. Santos	20,00
Manuel Moura	20,00
Helder Costa	10,00
Almeida e Silva	10,00
Mário Bodas	10,00
Joaquim José	10,00
João Jesus	10,00
Manuel Rocheta	10,00
Alexandre Pereira	10,00
Marco António	10,00
João Costa	10,00
a transportar 290,00	

O dirigente estudantil e sua noiva gozam de grande prestígio nos meios estudantis do Porto, que se movimentam pela sua libertação.

POR QUE O DIÁLOGO DO NOSSO TEMPO É O DO CRISTIANISMO COM O MARXISMO?



Podem católicos e marxistas conviver e lutar lado a lado pela construção de uma sociedade mais justa? A resposta a esta pergunta crucial do mundo de hoje está no livro **DIÁLOGO PÔSTO À PROVA** Diversos autores Um dos mais aprofundados debates entre comunistas e católicos na busca de uma eventual coincidência a respeito do homem. PREÇO NCr\$ 12,00



A REPÚBLICA COMUNISTA CRISTA DOS GUARANIS de Clóvis Lugon Como um apaixonado romance, este livro descreve os 150 anos da primeira tentativa de vida comunista na América, promovida pelos jesuítas. PREÇO: NCr\$ 14,00

Lançamentos da **PAZ E TERRA** Distribuição exclusiva da **CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA** Rua 7 de Setembro, 97 - Rio de Janeiro - GB Atende-se a pedidos pelo reembolso postal

Solidariedade Portuguesa ao Vietnam

PARIS — Do Correspondente — No dia 30 de Julho p.p. uma delegação de democratas portugueses residentes em Paris, entregou, em nome da Comissão Portuguesa de Solidariedade ao Vietnam, material cirúrgico no valor de mais de NCr\$ 3.000,00. O donativo foi entregue à delegação da República Democrática do Vietnam em Paris, com o pedido de o fazer chegar à Frente Nacional de Libertação do Vietnam do Sul.

A comissão foi recebida durante cerca de uma hora pelo conselheiro da delegação Tran Viet Dung, que agradeceu comovido esta prova de solidariedade dos democratas portugueses.

Tran Viet Dung, informou sobre a atual fase da luta do povo do Vietnam contra o agressor imperialista norte-americano, manifestando ao mesmo tempo grande interesse pela luta do povo português contra o fascismo.

A Comissão Portuguesa de Solidariedade ao Vietnam recebeu também uma carta comovedora do Secretariado do Comité Sul-Vietnamita pela Paz, de agradecimento pela moção unânime aprovada no meeting de solidariedade ao povo do Vietnam, realizado pelos emigrados portugueses em França.

Colonialismo

(Continuação da pág. 5)

um jeep, na estrada de Muvuei a Luose, tendo sido mortos vários soldados e, nesse mesmo dia, uma lancha dos colonialistas, que patrulhava o rio Zambeze, entre Xilena e Lumbala, foi metralhada por um destacamento do MPLA, morrendo 40 soldados portugueses;

A 14 de Maio, muito perto de Lingale, foram postos fora de combate 25 soldados, transportados em jeeps;

A 18 do mesmo mês 13 portugueses foram aniquilados, nos arredores do Posto de Ninda, e o quartel de Muie viu-se atacado, morrendo 48 soldados das forças de Salazar.

A Conferência de Adis Abeba

(Continuação da pág. 3)

da OUA que reveja a situação atual em Angola, e recomenda a forma de assistência necessária para intensificar a luta armada conjuntamente desenvolvida contra Portugal, com o fim de a tornar mais eficaz. A Comissão militar deverá igualmente rever todos os anos a situação militar e fazer as recomendações apropriadas, sob a supervisão do Comité de Libertação.

6. PEDE que se pare imediatamente com todas as formas de propaganda hostil, tanto da FNLA como do MPLA, sob a supervisão da OUA.

7. PEDE COM INSISTÊNCIA a constituição imediata de um comité conjunto composto de dez membros designados, cinco para a FNLA e cinco para o MPLA. Esta Comissão, que será assistida por um funcionário do Comité de Libertação, deverá encarar os meios de promover a colaboração e a cooperação entre a FNLA e o MPLA.

Notas e Comentários Democratas no exílio prestigiam o nome de Portugal

(Continuação da pág. 3)
e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

Hoje, como desde a primeira hora, abtemo-nos de entrar na análise e apreciação das divergências que opõem os dois principais movimentos nacionalistas angolanos. Esse fato, entretanto, não nos impede de trazer a público informações importantes relacionadas com as tentativas de conciliação realizadas pela Organização de Unidade Africana. E também de reconhecer, por outro lado, que, mercê do extraordinário dinamismo que vem caracterizando a sua ação militar e política na Frente Leste, o Movimento Popular de Libertação de Angola se guindou nos últimos meses a uma posição de indiscutível hegemonia na condução da luta travada pelo povo angolano pela sua libertação durante a Conferência de Conciliação promovida pela Organização da Unidade Africana em Addis-Abeba, de 24 a 27 de Junho, todos os membros do Comité dos Cinco, exceto o Congo-Kinshasa, mostraram-se favoráveis aos pontos de vista sustentados pelo MPLA e o fato de o GRAE não ter comparecido enquanto o MPLA enviou uma delegação chefiada pelo presidente Agostinho Neto tornou ainda mais delicada a situação de isolamento em que vai ficando o movimento de Holden Roberto. O documento do Comité dos Cinco, que publicamos noutra página, e no qual se pede à Conferência dos Chefes de Estado Africanos que retire o reconhecimento do GRAE, é expressivo de uma tendência que parece irreversível.

Segundo informações que nos foram enviadas pelo nosso correspondente na capital abissínia, um dos fatores que mais contribuiu para a aprovação desse texto foi o relatório apresentado ao Comité dos Cinco pela Comissão de Libertação que acompanha na Frente Leste de Angola a marcha da luta, ali comandada pelo MPLA. Parece cada vez mais prevalecer entre os países da OUA a tendência para uma mudança de orientação radical no tocante ao apoio aos movimentos libertadores. A próxima Conferência, já convocada para Argel, viria apenas consagrar a nova linha: reconhecimento oficial e ajuda apenas para os partidos ou movimentos instalados no Interior dos territórios a libertar. Assim, a ANC, da África do Sul, o PAIGC, da Guiné, a PRELIMO, de Moçambique, e o MPLA, de Angola passariam a beneficiar, em caráter exclusivo, da ajuda do Comité de Libertação da OUA.

As Vitórias do M.P.L.A.

O relatório apresentado pelo MPLA à Conferência de Addis-Abeba teve também imediata e considerável repercussão em várias capitais africanas. É todo um panorama novo da luta que está contido nas 26 páginas do documento. As forças do movimento dirigido por Agostinho Neto controlam hoje uma área de 400.000 km² — quase um terço da superfície de Angola — com uma população de meio milhão de habitantes. A sede do MPLA encontra-se há vários meses instalada no interior do país e as comissões da OUA devem brevemente ser recebidas nas zonas libertadas.

É significativo que milhares de angolanos refugiados em Zâmbia e no Congo estejam abandonando esses países, percorrendo centenas de quilômetros a pé, a fim de se instalarem nas regiões onde o MPLA montou já uma administração revolucionária cujos primeiros resultados excedem toda a expectativa. Nessas terras do sudeste angolano — chamadas do fim do mundo pelos colonialistas de Luanda — a vida nova estabelece-se pouco a pouco, nasce do nada. Dezenas de escolas são abertas, apesar dos bombardeamentos e toda a população é convidada a aumentar o seu nível cultural e político em centros de instrução revolucionária. A produção agrícola aumenta e são elaborados planos de emergência para a organização de indústrias básicas. Armazéns coletivos para a troca de produtos surgem nessas solidões onde a assistência médica é proporcionada ao conjunto da população. Um médico angolano, instalado no Interior, prepara enfermeiras e assistentes sociais. Por outro lado, os Sindicatos, as Organizações Femininas e Estudantis desenvolvem um trabalho pioneiro.

Ao colonialismo salazarista não resta sequer o recurso de desmentir as extraordinárias vitórias alcançadas pelo MPLA nas imensas áreas libertadas. E não pode fazê-lo porque já hoje existem documentos irrefutáveis sobre a obra revolucionária do MPLA que muito em breve serão levados ao conhecimento da opinião pública mundial. Sigilosamente, e a custa dos maiores sacrifícios, arriscando a própria vida, equipes de cinegrafistas fizeram filmes nas zonas do sudeste angolano que vão agora ser exibidos para milhões de espectadores. E jornalistas percorreram, de lés a lés, as zonas libertadas, escrevendo reportagens que não tardarão a ser publicadas.

Uma Angola livre e revolucionária está nascendo nas terras do fim do mundo. Eis uma verdade que o fascismo não pode negar.

«Portugal Emigrado»

Em substituição à publicação "Emigrante Democrático" editado pela Junta Patriótica Portuguesa da Venezuela, já está sendo impresso o novo órgão da imprensa democrática da emigração portuguesa anti-fascista daquele país com o nome de "Portugal Emigrado".

Ao "Portugal Emigrado" desejamos os democratas anti-fascistas do Brasil e em particular "Portugal Democrático" os melhores êxitos na luta pela libertação do povo português.

Título Universitário para Adolfo Casais Monteiro

Adolfo Casais Monteiro, intelectual de grande prestígio e democrata de firmes convicções que se acha radicado há cerca de 15 anos no Brasil, onde vem partilhando da vida cultural deste país sempre em posição de destaque, acaba de defender tese para a livre docência junto da cadeira de "Teoria Literária e Literatura Comparada", da Universidade de São Paulo.

O seu trabalho sobre "Estrutura e Sinceridade em Teoria Literária" representa uma contribuição do mais alto valor para o estudo deste assunto. Na defesa da tese, o prof. Casais Monteiro mais uma vez demonstrou o elevado nível da sua cultura e a profundidade da sua formação humanística.

Casais Monteiro, que presentemente é professor catedrático da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara, partiu há dias para os Estados Unidos, onde vai ensinar Literatura Portuguesa nas Universidades de Wisconsin e Nashville.

Vitor Ramos agraciado pelo Governo Francês

Pelos grandes serviços que vem prestando à cultura francesa, através da sua presença na vida universitária brasileira, o nosso companheiro de redação Vitor Ramos acaba de ser distinguido pelo governo da República Francesa com as palmas académicas. A solenidade da entrega das insígnias realizou-se no dia 6 de agosto p.p., na sede da Alliance Française de São Paulo. Presidiu ao acto o cônsul geral da França, M. Jehan de la Tour, que fez um expressivo elogio da acção desenvolvida por Vitor Ramos como professor da cadeira de Língua e Literatura Francesa, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, destacando ainda o mérito dos seus trabalhos sobre duas figuras da literatura da França pouco conhecidos no Brasil: Cyrano de Bergerac e Rotrou. M. Jehan de la Tour teve também palavras de muito elogio para a importância do trabalho realizado pelo agraciado na sua qualidade de presidente da Associação dos Professores de Francês.

Não foram apenas os representantes da Universidade de São Paulo e da colônia francesa que prestigiaram a cerimônia, comparecendo na Alliance Française. Achavam-se ali presentes também representantes dos democratas portugueses, orgulhosos com a

distinção concedida a Vitor Ramos, pois vêm nele não apenas o professor universitário ilustre, mas uma das mais destacadas personalidades da oposição anti-fascista portuguesa no Brasil.

Um Livro de J. Barradas de Carvalho

As fontes de Duarte Pacheco Pereira no "Esmeraldo de Situ Orbis" é o título de um importante trabalho do nosso companheiro de redação Joaquim Barradas de Carvalho que acaba de ser editado pela Revista de História, dirigida pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo.

Joaquim Barradas de Carvalho, que rege há quatro anos com brilho a cadeira de História da Civilização Ibérica na Faculdade de Filosofia da USP explica-nos na introdução do seu livro que o "estudo minucioso, ultra minucioso mesmo das fontes de um autor, quando é coroado de algum sucesso, pode dar-nos aquela íntima satisfação que está ligada ao sucesso daquilo que é a verdadeira pesquisa científica: um progresso, por mínimo que ele seja, no conhecimento do real". Aos olhos dos estudiosos do assunto que o autor aborda com o rigor científico, a penetração crítica e a visão ampla e profunda que o guindaram a um lugar de grande destaque entre os historiadores portugueses contemporâneos, esse progresso porém é tão significativo que uma autoridade como o prof. Guy Beaujouan, da École Pratique des Hautes Études da Universidade de Paris considera que Joaquim Barradas de Carvalho "acaba de renovar uma matéria que, erradamente, se poderia julgar esgotada".

Num desabafo que exprime com felicidade o estado de espírito de muitos outros universitários anti-fascistas portugueses hoje espalhados pelo mundo, lembra Joaquim Barradas de Carvalho que fez no Brasil um pouco daquilo que queria ter feito em Portugal mas que as forças obscurantistas, reinantes até agora, têm impedido.

Um livro de Miguel Urbano Rodrigues

O nosso camarada de redação Miguel Urbano Rodrigues acaba de publicar, pela editora Paz e Terra, do Rio de Janeiro, o livro

Opções da Revolução na América Latina. Trata-se de um estudo sério e profundo das perspectivas políticas mediatas e imediatas que se oferecem à América do Sul. Participando activamente da vida intelectual brasileira, o autor trouxe para a elucidação de questões que interessam a todos quantos vivem deste lado do Atlântico, uma lucidez, uma penetração e um amor por este continente que constituem, no fim de contas, a sua retribuição à forma como o Brasil o recebeu. Comentador político que figura entre os de maior bagagem cultural do Brasil, Miguel Urbano Rodrigues utiliza esta bagagem para elaborar um guia seguro para a compreensão dos problemas que a América Latina enfrenta. O seu livro, obra de um espírito maduro com uma formação política excepcionalmente sólida, é pois uma inestimável contribuição, por parte de um intelectual português, para o conhecimento da difícil conjuntura que este continente atravessa. Segundo informações recebidas de Lisboa, o livro do nosso companheiro foi apreendido pela PIDE logo que apareceu nas livrarias portuguesas. É desta forma que Salazar "cumpre" os acordos culturais que assina com o Brasil.

PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSÁVEL
Otávio Martins de Moura
SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Rua General
Pedra, 215 — Tel.: 43-0202

REPRESENTANTES
RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva — Rua Real da Torre, 819 — 1.º
CURITIBA: Antonio Serpa — Rua Dr. Muriel, 712
LONDRINA: Juho Duarte — Edifício Centro Comercial — Apto. 141

PELOTAS: Heltor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro, 312 — Pelotas — Rio Grande do Sul
INGLATERRA: Portuguese And Colonial Bulletin — 10 Fentiman Road, London, S.W. 8

BRUXELAS: Mercedes Guerreiro — 107, rue Valaanderenstraat — Vildeve — Belgique
HOLANDA: ANGOLA COMITE — Vinkenstraat 13 — Amsterdam — C.

CANADA: Portuguese Canadian Democratic Association 357½ College St Box 153 Station B — Toronto 2 B — Ontário A. dos Santos 7564 d'Outremont Ave. — Apt. 1 Montreal 15, P.Q.

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay Casilla de Correo n.º 2.128 — Distrito 5.º — Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ribeiro — Postovní Urad/Indrišská UL. C.14 Schánka 646 — Praha 1 Tchecoslovaquia

FRANÇA: Grupo de Amigos de Portugal Democráticos — 2, Place François Villon — Escalier E — La Courvenneuve — Selne — França

REDAÇÃO:
Rua Conselheiro Furtado, 191
Sala 2 — Tel.: 37-0933 — São Paulo
Caixa Postal 6248

Composto na
Editora ESCRITOS Limitada
Rua Almeida Torres, 119 — S. P.

EXPEDIENTE:
Dias úteis: das 19 às 22 horas
Sábados: das 15 às 19 horas
Número avulso NC\$ 0,20
Assinatura anual NC\$ 3,00

ANO XII — N.º 132 — SETEMBRO/1968

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.



agência TRIÂNGULO de seguros s.a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO SEGUROS EM GERAL

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

SÃO PAULO

POR UMA LUTA DE MASSAS

Pela voz do Ministro do Interior, Santos Júnior, o Governo fascista de Salazar fez mais uma declaração de guerra ao Povo Português. Discursando no dia 24 de Maio, o Ministro do Interior referiu-se às "queixas injustas" e às "exigências injustificadas" que por toda a parte se multiplicam, sublinhando o perigo de tais queixas e exigências poderem vir a transformar-se em ações de revolta, se não forem imediatamente reprimidas.

Santos Júnior formulou assim a nova tática de repressão salazarista: a tática da repressão preventiva às queixas justíssimas e às injustificadíssimas exigências do Povo Português, o Governo responde com uma declaração de guerra, preparando-se para subir mais um degrau na escalada da violência.

Esta teoria da repressão preventiva formulada por Santos Júnior reflete o medo do Governo perante a crescente radicalização política e o crescente descontentamento de largos setores da população. O Governo tem medo. Tem medo que as queixas se transformem em ações ofensivas; tem medo que o descontentamento se transforme em revolta. Mas o medo que o Governo tem leva-o a tomar medidas práticas para espalhar o medo. O objetivo do governo é claro: criar um ambiente de maior terror ainda, assustar e intimidar os democratas, procurar paralizá-los pelo medo. Quanto mais medo o Governo tem, mais medo procura criar à sua volta.

Uma coisa é clara: por maiores que sejam as suas dificuldades, o governo não está disposto a ceder e vai tomando medidas práticas, concretas, para intensificar a repressão. Isto torna cada vez mais claro que é absolutamente necessário que as forças democráticas tomem medidas práticas, concretas, para responder à violência reacionária com a violência revolucionária, para ripostarem à ofensiva repressiva do governo com a ofensiva revolucionária das massas populares.

A organização atual do movimento anti-fascista não corresponde à disposição de luta das massas populares. O Governo e a PIDE aproveitam-se desse fato para tomarem a iniciativa e passarão à ofensiva. Em vez de serem atacados, atacam. Em vez de serem forçados à defensiva, têm facilidades de manobra que lhes permitem manterem-se na ofensiva.

Só a unidade de ação das forças democráticas, só a criação urgente duma sólida vanguarda unitária apoiada nas massas populares, pode inverter uma tal situação.

As forças democráticas reconhecem que só a insurreição popular armada pode derrubar o Fascismo. Mas entretanto é o governo que toma medidas práticas para intensificar a violência. Nós repetimos que é urgente passar do reconhecimento teórico da necessidade da insurreição à preparação prática das condições que tornem possível a passagem da resistência à ofensiva, da contestação à insurreição.

E a primeira dessas condições é a unidade de todos os democratas para uma ação imediata e enérgica contra a repressão, contra a PIDE, contra a violência fascista.

Falar de insurreição não basta. Não basta dizer que o governo só cairá pela força. É preciso criar a força necessária para derrubar o governo. E como se cria essa força? Essa força cria-se pela união, pela organização, pela ação.

É evidente que as ações armadas têm um importante papel a desempenhar mesmo antes de existir no nosso País uma situação revolucionária. E têm razão os anti-fascistas que insistem na necessidade de se realizarem ações que demonstrem ao Povo e ao próprio inimigo o poder ofensivo das forças democráticas. É evidente também que não basta falar nessas ações. É tempo de as preparar e de as levar à prática. Do contrário continuaremos a falar de ações violentas enquanto o Fascismo as vai fazendo.

Mas que não haja ilusões. Que ninguém esteja à espera de soluções milagreas. A grande resposta tem que ser dada pelas massas populares. Só a ação das massas populares pode anular a ação da PIDE e forçar o Fascismo a recuar. Só a intensificação da luta das massas populares pode permitir o sucesso e o desenvolvimento da luta armada.

Só a elevação da luta de massas a um nível superior pode permitir o desencadeamento e o triunfo da insurreição popular armada. A tarefa principal, a tarefa mais urgente, continua a ser a criação dum grande movimento de massas.

E hoje, mais do que nunca, o dever fundamental de todos os democratas e revolucionários é estimular, agitar e mobilizar as massas populares, é despertar as energias revolucionárias do Povo Português, é traduzir o descontentamento e o espírito de revolta em ações cada vez mais amplas e vigorosas, é criar as organizações revolucionárias capazes de conduzirem o Povo à vitória.

Há uma crescente disposição de luta em largos setores das massas populares. O Governo sabe-o. E por isso tomou medidas práticas. E por isso Santos Júnior pregou a tática de repressão preventiva.

É preciso que as forças democráticas tomem agora as medidas que se impõem, para que as queixas que o Sr. Santos Júnior considera injustas e as exigências que ele diz injustificadas, se multipliquem ainda mais por todo o lado, e por todo o lado se transformem em ações de massas tão amplas e vigorosas, que nenhuma repressão as possa prevenir... nem remediar.

(Transmitido pela Rádio "Voz da Liberdade", de Argel)

A COLEÇÃO CLÁSSICOS GARNIER

sob a direção do Prof. Vitor Ramos

destaca entre as suas publicações de alto nível, duas obras-primas de Alexandre HERCULANO:

O BÓBO

EURÍCO, o PRESBITERO

ambas com prefácio de Vitorino Nemésio

e anuncia seu último lançamento

SERMÕES de Padre António VIEIRA

numa seleção de Jamil Almansur Haddad

Uma realização da

DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

Rua Marquês de Itú, 79 - Tel. 33.2430

São Paulo

MORTE DE UM GRANDE PATRIOTA

Manuel Rodrigues da Silva

Faleceu, no passado dia 22 de julho, Manuel Rodrigues da Silva destacado dirigente da classe operária portuguesa. Manuel Rodrigues da Silva nasceu no Brasil, filho de mãe brasileira e de um operário português. Chegou a Portugal com quatro anos de idade. Foi operário metalúrgico da Manutenção Militar de Lisboa. Tornou-se então um destacado dirigente sindical. Foi preso, pela primeira vez, em 1936. Ainda em 1936, no mês de outubro, foi deportado para o Campo de Concentração do Tarrafal, nas ilhas de Cabo Verde, onde permaneceu em regime de trabalhos forçados, sem que tenha sido submetido a julgamento, durante nove anos e quatro meses. A vitória das democracias sobre o nazi-fascismo, as grandes lutas do Povo Português pela Liberdade e pela Democracia, levam o regime de Salazar a libertá-lo, tal como a outros destacados militantes anti-fascistas, em fevereiro de 1946. Uma vez em liberdade, tal como outros companheiros seus de cativo, retoma sem uma pausa, o seu lugar de combate, o que o leva a cair novamente nas garras da Polícia Salazarista quatro anos depois, em 1950. É então torturado e submetido a uma longa incomunicabilidade. Foi julgado pelos Tribunais Salazaristas em abril de 1951, sendo condenado a quatro anos de prisão com medidas de segurança. Mas entretanto, sob pressão da P.I.D.E., o

assim chamado Supremo Tribunal de Justiça eleva a pena para oito anos seguidos de medidas de segurança. Passa então três anos nas prisões do Aljube, em Lisboa. Em 1954 é transferido para uma cela da sinistra Fortaleza de Peniche. Em março de 1959 chega o final da pena e das medidas de segurança a que fora condenado. E então a P.I.D.E. exige a prorrogação das medidas de segurança por mais um ano. Em 1961, nova prorrogação das medidas de segurança por mais três anos. É neste ano de 1961 que sofre na prisão um derrame cerebral que lhe paralisa todo o lado esquerdo. Uma grande campanha mundial de solidariedade arranca-o da prisão em dezembro de 1964, quando levava 14 anos de prisão sem interrupção, tendo sido condenado a oito. Se nos lembrarmos da sua permanência, sem julgamento, de nove anos, no Campo de Concentração do Tarrafal, somos levados à cifra recorde de 23 anos de prisão!... Com a saúde fortemente abalada, Manuel Rodrigues da Silva após a sua libertação, em dezembro de 1964, toma clandestinamente o caminho do exílio. No exílio, Manuel Rodrigues da Silva mantém-se, até ao dia da sua morte, o mesmo combatente, o mesmo militante ao serviço da Libertação do Povo Português que ele foi durante toda a sua heróica vida. Morre assim, em Moscovo, no passado dia 22 de julho, um dos mais destacados e heróicos militantes da classe operária portuguesa. O nome, a figura, de Manuel Rodrigues da Silva, vem juntar-se à de muitos companheiros seus que como ele tiveram uma vida e uma morte heróicas. O nome de Manuel Rodrigues da Silva vem juntar-se, na já legendaria História da Resistência Por-



tuguesa Contemporânea, ao de outros heróis do Povo Português, como Ferreira Marquês, José Moreira, Militão Ribeiro, assassinados na prisão, Soeiro Pereira Gomes, falecido na clandestinidade, José Gregório, falecido após toda uma vida passada, ou na prisão, ou na clandestinidade, Ferreira Soares, assassinado em Espinho, no seu consultório de médico por uma rajada de metralhadora desfechada pela P.I.D.E.. O nome de Manuel Rodrigues da Silva vem juntar-se também ao do escultor Dias Coelho, assassinado a tiro pela P.I.D.E. numa rua de Lisboa.

Portugal Democrático associa-se ao profundo pesar da família de Manuel Rodrigues da Silva.

Portugal Democrático associa-se ao profundo pesar de todos os amigos, de todos os companheiros de luta de Manuel Rodrigues da Silva.

Portugal Democrático associa-se ao profundo pesar de todos os anti-fascistas da nossa Pátria, aos do Interior, e aos do exterior. A vida heróica de Manuel Rodrigues da Silva é uma bandeira para todos os anti-fascistas portugueses.

Os Nove Ministros

LISBOA, 16 — (United Press) — O primeiro-ministro Antonio de Oliveira Salazar reformou hoje seu gabinete, substituindo sete ministros e cinco subsecretários de Estado.

Os novos ministros: Comunicações, José Albino Machado, que acumulará o de Obras Públicas; Educação, José Hermano Saralva; Exército, brigadeiro José Manuel Bettencourt; Finanças, João Augusto Dias Rosas; Interior, António Manuel Gonçalves Rapazote; Marinha, comodoro Manuel Pereira Crespo e Saúde, Joaquim de Jesus Santos.

Os novos subsecretários: Administração Escolar, Justino Mendes de Almeida; Exército, coronel João Antonio Pinheiro; Juventude e Esportes, Francisco Elmano Martins; Orçamento, Augusto Victor Coelho e Tesouro, João Luis da Costa André.

A F.P.L.N. no Luxemburgo

A convite da Confederação Geral do Trabalho do Luxemburgo, um representante da Junta Revolucionária Portuguesa da Frente Patriótica de Libertação Nacional, Manuel Sertório, visitou aquele país em Julho p.p.

Recebido durante a sua estada pelo ministro do Trabalho, Antoine Krier, o delegado da F.P.L.N. manteve conversações com dirigentes sindicais e partidários que lhe manifestaram a sua simpatia incondicional pela causa do povo português, em luta pela libertação nacional. Manuel Sertório teve também contactos com muitos dos 2.000 trabalhadores portugueses que actualmente se acham imigrados no Luxemburgo.

Mil estudantes promovem protesto

Na Faculdade de Ciências de Lisboa a combatividade dos estudantes continua muito elevada, sendo sensíveis os progressos registados no que diz respeito à unidade e à organização.

As lutas de Maio contribuíram poderosamente para o novo estado de espírito que reina na Faculdade, marcado pela esperança e pela determinação de luta. Tudo começou quando um despacho do Ministério da Educação pretendia eternizar uma situação arbitrária, prolongando indefinidamente a existência da Comissão Administrativa na Associação dos Estudantes.

A reacção foi imediata e adequada. Um abaixo-assinado endereçado ao reitor passou a correr de mão em mão recolhendo em pouco tempo mais de 700 assinaturas. Nele se exigia a pronta normalização da vida da Associação. Para surpresa dos fascistas, o Conselho Escolar apoiou a maioria das reivindicações do documento. Foi então que a PIDE, já advertida, interveio com a sua tradicional brutalidade. Dezenas de estudantes foram espancados no dia 8 de Maio quando se dirigiam para o Instituto Superior Técnico, a fim de participar de uma reunião.

Mas nem a intimidação nem a violência puderam evitar que,

no dia seguinte cerca de 1000 estudantes se concentrassem na reitoria para protestar contra o despacho que prolongava a vida da Comissão Administrativa e para apoiar a entrega do abaixo-assinado ao reitor. Sabiam os estudantes da Faculdade de Ciências que o reitor — dócil instrumento dos fascistas — não lhes poderia emprestar qualquer espécie de solidariedade. Mas nem por isso a concentração deixou de ser uma grande vitória estudantil que se traduz no admirável espírito de luta que hoje domina a Faculdade.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO
R. Cons. Furtado, 191 — Sp. Brasil
Endereços de Assinantes